



## O menino do pijama listrado: ariano ou judeu?

The boy in the striped pajamas: Aryan or Jew?

**Saul Kirschbaum\***

São Paulo, Brasil

saul.kirschbaum@gmail.com

**Resumo:** O romance *O menino do pijama listrado*, do escritor irlandês John Boyne, foi publicado em 2006 e logo em 2008 deu origem a um filme; trata da amizade entre dois meninos, Bruno e Shmuel – que nasceram no mesmo dia –, confinados em um campo de extermínio, um de cada lado da cerca de arame que delimita o campo. Livro e filme tiveram sucesso estrondoso, a ponto de o livro, traduzido em dezenas de idiomas e com milhões de exemplares vendidos, ser comparado com o *Diário de Anne Frank* e passar a ser utilizado como recurso pedagógico para o ensino da Shoah para crianças em idade escolar. Neste artigo, partindo de uma recapitulação do quadro histórico em que se ambienta a ação do romance - a catástrofe que se abateu sobre o povo judeu sob a barbárie nacional-socialista -, refletimos sobre a adequação de seu uso didático, principalmente do ponto de vista de verossimilhança e respeito aos fatos históricos nele referidos.

**Palavras-chave:** Shoah. Campos de extermínio. Alemanha. Ficção.

**Abstract:** The novel *The Boy in the Striped Pyjamas: a Fable*, by Irish writer John Boyne, was published in 2006 and in 2008 it gave rise to a movie; it deals with the friendship between two boys, Bruno and Shmuel - who were born on the same day -, confined in an extermination camp, one on each side of the wire fence that delimits the camp. Book and movie were hugely successful, to the point that the book, translated into dozens of languages and with millions of copies sold, was compared with Anne Frank's *Diary* and began to be used as a pedagogical resource for teaching the Shoah to children of school age. In this article, starting from a recapitulation of the historical framework in which the novel's action is set - the catastrophe that befell the Jewish people under the National Socialist barbarism -, we reflect on the adequacy of its didactic use, mainly from the point of view of verisimilitude and respect for the historical facts referred to in it.

**Keywords:** Shoah. Extermination Camps. Germany. Fiction.

O romance *O menino do pijama listrado* foi publicado em 2006 pelo escritor irlandês John Boyne e já em 2008 ganhou adaptação para o cinema – o próprio autor participou na elaboração do roteiro –, com direção de Mark Herman.

---

\* Doutor em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo.



Naturalmente, o filme se afasta um pouco do livro, pela própria natureza da linguagem específica de cada forma de expressão. De uma forma ou de outra, ambos, livro e filme, obtiveram sucesso estrondoso: informação disponível na internet<sup>1</sup> dá conta de que o livro já vendeu onze milhões de exemplares no mundo, em sessenta idiomas, e rendeu ao autor dois *Irish Book Awards*<sup>2</sup>.

Para dar uma ideia da repercussão da obra no Brasil, basta assinalar que foi lançada pela Companhia das Letras em 2007 em tradução de Augusto Pacheco Calil e, ainda hoje em primeira edição, já atingiu, conforme indica o exemplar que tenho em mãos (publicado em 2023), sua 69ª reimpressão, o que dá cerca de quatro reimpressões por ano.

É importante assinalar que o tema do romance, ao contrário do que afirmaram alguns críticos, não é a Segunda Guerra Mundial, mas sim a *Shoah*, ou seja, a tentativa de genocídio do povo judeu perpetrada pelo estado totalitário implantado na Alemanha pelo regime nacional-socialista, no contexto daquela guerra.

De fato, ao longo de toda a narrativa há apenas uma rápida alusão, indireta, a uma guerra em andamento. Na página 15 temos um diálogo entre Bruno e sua mãe; diz a mãe: “Francamente, na semana passada você estava reclamando do quanto as coisas mudaram por aqui nestes últimos tempos”. Ao que Bruno responde: “Bem, eu não gosto dessa história de apagar todas as luzes quando chega a noite”.

## Contexto histórico

Vamos, então, começar situando o momento histórico em que se dão os eventos narrados no romance.

À medida que ia conquistando país após país na Europa, o nazismo ia confinando os judeus em guetos, em campos de concentração – onde eram submetidos a trabalhos forçados como mão-de-obra escravizada - e em campos de extermínio, além de assassinar centenas de milhares de pessoas a queima-roupa na retaguarda dos avanços do exército alemão para o leste da Europa, por meio dos *Einsatzgruppen*..

A erradicação do povo judeu – a “solução final para a questão dos judeus na Europa” – decidida pelo próprio Hitler em 1941, foi planejada na chamada “Conferência de Wannsee” que reuniu quinze oficiais do alto escalão do Partido Nazista e líderes do governo alemão em 20 de janeiro de 1942, e começou a ser executada no mesmo ano, com a instalação de campos de extermínio.

---

<sup>1</sup> <https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/02477/john-boyne>. Acesso em 17 out. 2023.

<sup>2</sup> Prêmios literários concedidos anualmente a livros e autores em várias categorias. É o único prêmio literário apoiado por todas as livrarias irlandesas.



A maioria desses campos foi estabelecida na Polônia, país que também era a região onde habitava a maior parte do povo judeu. O mais célebre foi o complexo de Auschwitz.

A tecnologia para execução de judeus mais empregada nestes campos era a utilização de gás Zyklon B, pesticida produzido pela Bayer e aperfeiçoado para os fins agora em vista, em câmaras herméticamente fechadas. Depois de cada sessão de gaseamento, os mortos eram retirados das câmaras por equipes de prisioneiros, conhecidas como *sonderkommandos* – equipes muitas vezes compostas por judeus –, e conduzidos para fornos crematórios, após serem submetidos a uma última espoliação, tal como retirada de dentes de ouro, de gordura para fabricação de sabão, de pele para confecção de luminárias, de cabelos para confecção de perucas. Os componentes das equipes eram eles mesmos prisioneiros, e depois de dois ou três meses na função, eram por sua vez executados, para não deixar testemunhas.

Cerca de seis milhões de judeus foram assassinados, dois terços da população judaica da Europa<sup>3</sup>. Mas o furor nazista não se limitou aos judeus. Outras minorias, étnicas, como ciganos, “atentatórias aos bons costumes”, como homossexuais, e adversários políticos, como comunistas, também foram vitimadas. Estima-se, por exemplo, que entre 250.000 e 500.000 ciganos foram assassinados<sup>4</sup>. Os nazistas ainda planejavam escravizar os eslavos, considerados raça inferior.

## A trama

Isto posto, vejamos um resumo do livro.

Começamos com a estrutura narrativa do romance. A história é contada em terceira pessoa por um narrador onisciente seletivo. Onisciente porque conhece tudo sobre a personagem, toda sua vida interior, seus pensamentos, e seletiva porque o narrador só conhece por dentro o protagonista, Bruno, um menino ariano de nove anos. As demais personagens só são conhecidas de fora, pelo que falam e fazem. O narrador adota o ponto de vista de Bruno e enxerga o mundo com os olhos de uma criança; para isto, com frequência imita a forma de falar e de se relacionar com o mundo de uma criança. Por exemplo, já na segunda página do livro, quando a mãe lhe explica que a criada está fazendo suas malas, o narrador acolhe a fala de Bruno, e a comenta:

---

<sup>3</sup> Lucy Dawidowicz apresenta, à página 480, uma tabela contendo, país por país, a população judaica estimada antes da Solução Final e uma estimativa da população judaica aniquilada, chegando aos esmagadores totais de 5.933.900 assassinados em uma população de 8.862.800, ou seja, 67%.

<sup>4</sup> <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=quantos+ciganos+morreram+no+holocausto>. Acesso em: 18 out. 2023.



“Fazendo minhas malas?”, ele perguntou, repassando rapidamente os eventos dos últimos dias para avaliar se fora um mau menino ou se dissera em voz alta as palavras que ele sabia não poder dizer e, por isso, estava sendo mandado embora. Mas não conseguiu pensar em nada que justificasse tal pensamento. Na verdade, durante os últimos dias ele se comportara de maneira perfeitamente decente com todos à sua volta e não conseguia se lembrar de ter criado nenhuma confusão. “Por quê?”, ele perguntou então, “O que foi que eu fiz?”

Bruno é filho de uma família abastada que vive em Berlim em uma ampla casa de cinco andares. Sabe que seu pai é militar porque sempre o vê uniformizado, com muitas condecorações, mas não tem a menor ideia sobre em que consiste sua atividade; como informa o narrador<sup>5</sup>, “quando perguntaram a Bruno o que seu pai fazia, ele abriu a boca para dizer-lhes e então percebeu que ele próprio não fazia ideia”. Sua mãe não trabalha; sua irmã, Gretel, tem doze anos. Ambos frequentam escola regularmente. A ótima condição econômica da família é denotada pelo fato de empregarem três criados.

Um belo dia, ao chegar da escola Bruno é surpreendido com o fato de a criada Maria estar arrumando sua mala. Consultada, a mãe explica a ele que a família está se mudando para longe de Berlim, em função da atividade profissional do pai. A mudança havia sido deliberada alguns dias antes em um jantar - do qual as crianças não participaram - que contou com a presença de alguém referido como “Fúria” e uma companhia feminina. A importância do evento provocou alvoroço na casa e motivou preparativos minuciosos. Este personagem, muito importante, seria o superior do pai de Bruno. Mais adiante, saberemos que “Fúria” é má pronúncia, de parte de Bruno, para “Führer”, título que se refere ao próprio Adolf Hitler que, conforme a irmã dirá em outra ocasião, “manda no país”. Sua companhia feminina é Eva Braun. Fiel a seu compromisso com o ponto de vista de Bruno, o narrador continuará se referindo ao Führer como “Fúria”.

Mesmo contrariado, Bruno acompanha a mudança da família para um local ermo, sem escola e sem outras crianças, conhecido como “Haja-Vista”. O narrador informa que<sup>6</sup> “A casa nova, no entanto, ficava isolada num lugar vazio e desolado, e não havia nenhuma outra casa à vista, o que significava que não haveria outras famílias por perto nem meninos com quem brincar, fossem amigos ou encrenca”. Bruno

---

<sup>5</sup> BOYNE, 2023, p. 12.

<sup>6</sup>BOYNE, 2023, p. 18.



percebe a mudança como um rebaixamento, uma queda. Como descreve o narrador<sup>7</sup>, “Mas, ao redor da casa nova, não havia outras ruas, ninguém caminhando por lá ou correndo por ali, e certamente nada de lojas, nem de bancas de frutas e legumes. Quando fechava os olhos, tudo ao seu redor parecia simplesmente vazio e frio, como se ele estivesse no lugar mais solitário do mundo. No meio de lugar nenhum”.

Bruno pressente que existem problemas com a casa nova. Como é dito no trecho a seguir<sup>8</sup>, “Porém, havia algo a respeito da casa nova que fazia Bruno pensar que ninguém jamais ria por lá; que não havia motivo para riso e nada com que se alegrar”.

Perplexo, Bruno não percebe o que está acontecendo a um palmo do seu nariz. Mais adiante<sup>9</sup> o narrador descreve essa perplexidade:

Ele não conseguia compreender como tudo acontecera. Num dia ele estava perfeitamente alegre, brincando em casa, com os três melhores amigos da vida toda, escorregando pelos corrimãos, tentando ver toda a cidade de Berlim da ponta dos pés, e agora estava encalhado nessa casa fria e desagradável, com três criadas sussurrantes e um servente que era a um só tempo infeliz e bravo, onde ninguém parecia ser capaz de rir novamente.

Muito decepcionado, Bruno reflete, condena o pai pela péssima situação que está enfrentando, e tenta envolver a criada Maria, como descrito

“Ah, eu cansei de ouvir sobre o trabalho do meu pai”, disse Bruno, interrompendo-a. “É só disso que se fala, se é que você não sabe. O trabalho do papai isso e aquilo. Bem, se o trabalho do meu pai significa que temos de mudar da nossa casa, para longe do corrimão-escorregador e dos meus três melhores amigos, então acho que meu pai devia pensar duas vezes a respeito do trabalho dele, não acha?”<sup>10</sup>

Mais tarde, nós leitores suspeitaremos que “Haja-Vista” é outra má pronúncia de parte do menino, agora para “Auschwitz”. Essa informação é baseada no som de Haja-Vista, parecido com o de Auschwitz. A esse respeito, temos um diálogo entre Bruno e Gretel:

---

<sup>7</sup>BOYNE, 2023, p. 19.

<sup>8</sup>BOYNE, 2023, p. 20.

<sup>9</sup>BOYNE, 2023, p. 21.

<sup>10</sup>BOYNE, 2023, p. 23.



“Não é Haja-Vista, Bruno”, disse Gretel com raiva, como se fosse o pior erro jamais cometido na história da humanidade. “Por que você não consegue pronunciar direito?” “O nome é Haja-Vista’, protestou ele.” “Não é”, disse ela, pronunciando corretamente o nome do campo para ele.<sup>11</sup>

Em outro momento, de fato Bruno encontrará uma placa comemorativa da inauguração do campo, mas seu nome é omitido.

Visto não haver escola no lugar, os pais providenciam um preceptor para cuidar da educação das crianças, o que Bruno acha muito desagradável, aborrecido.

Sem ter muito o que fazer, Bruno acaba vendo pela janela de seu quarto algo que o deixa muito espantado. Nas palavras do narrador,

Ele caminhou lentamente na direção da janela, na esperança de que fosse possível ver todo o caminho de volta até Berlim, e a sua casa e as ruas ao redor e as mesas onde as pessoas se sentavam e bebiam os refrescos espumantes e contavam histórias hilariantes umas às outras. Andou devagar porque não queria se decepcionar. Mas era apenas o quarto de um menino pequeno e não havia muito espaço para caminhar até chegar à janela. Bruno pôs o rosto junto ao vidro e olhou o que estava do lado de fora, e dessa vez, quando seus olhos se arregalaram e a boca fez o formato de um O, as mãos ficaram bem juntas ao corpo, porque havia algo que o fez se sentir muito inseguro e com frio.<sup>12</sup>

O que Bruno viu? Uma cerca de arame, do outro lado da qual estavam pessoas vestindo pijamas listrados e bonés. Bruno não entende o que aquelas pessoas, visivelmente tristes, estão fazendo lá. Tenta obter informações da irmã, sem sucesso. Bruno e Gretel, investigando juntos, verificam, que “para começar, não eram crianças, afinal. Ao menos não todos. Havia meninos pequenos e grandes, pais e avós. Talvez alguns tios também. E algumas daquelas pessoas que vivem sozinhas nas ruas da vida e não parecem ter parentes. Era gente de todo tipo.”<sup>13</sup>

Bruno e Gretel observam com mais atenção e percebem que “podiam ver centenas de pessoas, mas havia ali tantas cabanas, e o campo ia tão mais longe do que eles

---

<sup>11</sup>BOYNE, 2023, p. 158.

<sup>12</sup>BOYNE, 2023, p. 25.

<sup>13</sup>BOYNE, 2023, p. 34.



conseguiam ver, que parecia haver milhares de pessoas lá.”<sup>14</sup> E, um pouco mais adiante, “deve ser algum tipo de ensaio’, sugeriu Gretel, ignorando o fato de que algumas crianças, mesmo as mais velhas, mesmo aquelas que pareciam ter a idade dela, davam a impressão de estar chorando.

Para combater o tédio, Bruno começa a explorar o local, ao longo da cerca de arame, e acaba por encontrar a placa comemorativa da inauguração do campo, como vimos acima; o menino sabe muito bem que toda aquela área lhe é interdita. Textualmente, o narrador expõe

O menino estendeu o braço e tocou a placa por um instante, e o bronze era muito frio; então ele recolheu os dedos antes de respirar fundo e começar sua jornada. A única coisa em que Bruno procurava não pensar era que tanto a mãe quanto o pai já haviam lhe dito em incontáveis ocasiões que ele estava proibido de caminhar naquela direção, proibido de chegar perto da cerca ou do campo, e principalmente que a exploração estava proibida em Haja-Vista. Sem exceções.<sup>15</sup>

Bruno não desiste e, em uma de suas explorações, acaba por se deparar com um menino sentado no chão, do outro lado da cerca. O menino tem a cabeça raspada e também veste pijama listrado e boné, além de usar uma braçadeira com uma estrela desenhada. Começam a conversar. O menino diz que é originário do leste europeu e seu nome é Shmuel, o que não causa qualquer estranhamento de parte de Bruno. Uma grande coincidência que vai ainda mais aproximar os meninos: Bruno e Shmuel nasceram exatamente no mesmo dia.

Finalmente, Bruno fica sabendo, por Shmuel, que o campo onde estão fica na Polônia. Até então, não sabia onde estava morando, somente que estava longe de Berlim.

Perguntado sobre a estrela em seu braço, Shmuel informa que o uso da braçadeira, confeccionada por sua mãe, tornara-se obrigatório já antes de vir para o campo “É sempre que saíamos de casa, ela dizia, tínhamos de usar uma daquelas braçadeiras.”<sup>16</sup> Sem conseguir avaliar a importância dessa obrigatoriedade, Bruno tenta comparar a braçadeira de Shmuel com a usada por seu pai:

“Meu pai também usa uma’, disse Bruno. ‘Em seu uniforme. É bem bonita. É de um vermelho brilhante, com um desenho

---

<sup>14</sup>BOYNE, 2023, p. 39.

<sup>15</sup>BOYNE, 2023, p. 93.

<sup>16</sup>BOYNE, 2023, p. 112.



branco e preto feito por cima.’ Usando a ponta do dedo ele reproduziu o outro desenho na poeira do chão do seu lado da cerca.”

O desenho na braçadeira do pai, evidentemente, é a suástica. Que para Bruno não significa nada, uma vez que ele nada sabe do nazismo. Shmuel comenta: “‘É, mas elas são diferentes, não?’”

Shmuel reporta a vinda para o campo: “‘Usamos as braçadeiras durante alguns meses’, ele disse. ‘E então as coisas mudaram novamente. Cheguei em casa um dia, e a mamãe disse que não poderíamos mais morar na nossa casa’”. Evento que Bruno compara com sua própria experiência: “‘Isso também aconteceu comigo’, gritou Bruno”.

O relacionamento entre Bruno e Shmuel evolui para uma amizade. Mesmo sem contato físico, pois a cerca está sempre lá os separando, Bruno vai diariamente até o ponto habitual onde encontra Shmuel, e conversam; vendo que Shmuel é muito magro, Bruno começa a levar comida para o amigo, que é passada por baixo da cerca.

Com o obstáculo de sua limitada visão do mundo, Shmuel conta para Bruno como ele e sua família primeiro foram para um gueto e depois transferidos para o campo de concentração onde estão agora.

Sem conhecer as palavras apropriadas, Shmuel primeiro reporta que:

“‘quando nos disseram que não podíamos mais morar na nossa casa, tivemos que nos mudar para outra parte de Cracóvia, onde os soldados haviam construído um grande muro, e minha mãe e meu pai e meu irmão e eu, todos tínhamos que morar no mesmo quarto.’”<sup>17</sup>

Como sabemos, Cracóvia é a cidade polonesa perto da qual foi instalado o complexo de Auschwitz.

Um pouco mais adiante, Shmuel complementa seu relato com a segunda fase da catástrofe:

“‘Então, um dia vieram os soldados e seus gigantescos caminhões”, continuou Shmuel, que não parecia muito interessado em Gretel. “E todos tiveram que deixar suas casas. Muitas pessoas não queriam ir e se esconderam em qualquer lugar que puderam encontrar, mas, afinal, acho que pegaram todos. E os caminhões nos levaram a um trem, e o trem...” Ele

---

<sup>17</sup>BOYNE, 2023, p. 114.



hesitou por um instante e mordeu o lábio. Bruno pensou que ele ia começar a chorar e não entendeu por quê.<sup>18</sup>

Neste ponto, podemos nos perguntar se as histórias de Bruno e de Shmuel são comparáveis. Pouco depois temos uma passagem que ilustra essa questão: “Shmuel parecia muito triste ao contar sua história e Bruno não sabia ao certo por quê; para ele não parecia algo tão terrível e, afinal, muito do que acontecera a um acontecera ao outro.”<sup>19</sup>

Aos poucos, revela-se que a cerca delimita um campo de concentração, e que seus ocupantes são judeus. Bruno nada sabia da existência, nem de campos de concentração nem de judeus. Não consegue entender por quê os judeus devem ser confinados em campos de concentração.

Essa condição de Bruno é bem ilustrada por esse diálogo entre os irmãos:

“Como assim, sua própria laia?”

Gretel suspirou e balançou a cabeça. “Com os outros judeus, Bruno. Não sabia disso? É por isso que precisam ficar juntos. Eles não podem se misturar com a gente.”

“Judeus”, disse Bruno, testando a nova palavra. Ele bem que gostou do som. “Judeus”, repetiu ele. “Aquelas pessoas todas do outro lado da cerca... são judeus”.<sup>20</sup>

O relacionamento entre os meninos se prolonga por cerca de um ano, sem grandes novidades, até que ocorre um episódio importante, pois marca a primeira vez que eles têm contato físico. Bruno vai até a cozinha procurar algo para comer e dá de cara com Shmuel. Shmuel conta que fora trazido para lustrar pequenas taças de vidro. Os meninos se põem a conversar, Bruno oferece comida a Shmuel, até que subitamente aparece o tenente Kotler. Resulta que Shmuel tinha sido trazido para o serviço pelo tenente.

Ao ver Shmuel comendo, Kotler pergunta a ele se roubou comida da geladeira. Shmuel admite ter comido, mas nega que tenha roubado e afirma que a comida lhe foi dada por Bruno, de quem era amigo. Kotler então pergunta a Bruno se os dois já se conheciam, se eram amigos. Ou seja, se Bruno tinha contato com prisioneiros. Sob pressão, Bruno renega Shmuel: “Diga, Bruno!” gritou Kotler com o rosto

---

<sup>18</sup>BOYNE, 2023, p. 115.

<sup>19</sup>BOYNE, 2023, p. 116.

<sup>20</sup>BOYNE, 2023, p. 159.



vermelho. "Não perguntarei pela terceira vez." 'Nunca falei com ele', disse Bruno imediatamente. 'Nunca o vi antes em minha vida. Não o conheço.'<sup>21</sup>

Uma semana depois Bruno volta ao ponto de encontro com Shmuel e tenta se desculpar por sua atitude covarde:

"Bem, sinto muito pela semana passada", disse Bruno. [...] Bruno hesitou por um instante, sem querer perder o fio da meada. Sentiu que deveria dizer mais uma vez e com muita sinceridade. "Eu sinto muitíssimo, Shmuel!", disse numa voz bem clara. "Não posso acreditar que não contei a ele a verdade. Nunca desapontei um amigo dessa maneira antes. Shmuel, estou envergonhado de mim mesmo."<sup>22</sup>

Shmuel perdoa Bruno e faz:

algo que nunca havia feito antes: ergueu a parte da cerca como sempre fazia quando o amigo lhe trazia comida, mas dessa vez ele estendeu a mão por baixo e a manteve lá, esperando que Bruno fizesse o mesmo. Os dois meninos apertaram as mãos e sorriram um para o outro.<sup>23</sup>

Foi a primeira vez que eles se tocaram.

Enfim, Bruno e Shmuel são cada vez mais amigos e já completaram dez anos - Gretel está com treze -, quando ocorrem incidentes que precipitarão a tragédia final.

Primeiro, um surto de piolhos atinge Bruno e Gretel. São tratados com um xampu, mas o pai resolve que para Bruno o melhor é raspar o cabelo. Na próxima vez que se encontram, Bruno observa que agora ele e Shmuel se parecem.

A seguir, como a mãe está muito descontente com a vida junto ao campo, o pai acaba aceitando que ela, Gretel e Bruno voltem para Berlim daí a uma semana. Note-se que a mãe já vinha descontente desde a saída de Berlim, como se depreende de seu fluxo de consciência: "Nunca deveríamos ter recebido o Fúria para jantar. Certas pessoas e a sua determinação em progredir na carreira."<sup>24</sup> Claro que na Alemanha nazista seria absolutamente impensável terem recusado receber o Führer para jantar.

Consternado com a iminência de perder seu único amigo, Bruno vai até a cerca e comunica a Shmuel o que está por acontecer. Os meninos lamentam a separação e o

---

<sup>21</sup> BOYNE, 2023, p. 150.

<sup>22</sup> BOYNE, 2023, p. 152.

<sup>23</sup> BOYNE, 2023, p. 152-153.

<sup>24</sup> BOYNE, 2023, p. 42



fato de nunca terem podido brincar juntos. Bruno acaba por ter uma ideia brilhante: já que com a cabeça raspada estão parecidos, apenas Bruno é um pouco mais gordo, ele poderia vestir pijama listrado e boné, como Shmuel, e entrar no campo por baixo da cerca, de forma que, finalmente, poderiam brincar juntos.

Shmuel então no dia seguinte consegue um pijama listrado e um boné para Bruno e o plano é posto em prática. Agora dentro do campo, Bruno e Shmuel primeiro exploram em busca de pistas para encontrar o pai de Shmuel, desaparecido, sem sucesso. Depois, os meninos vão até o galpão onde mora Shmuel, mas Bruno, num raro contato com a realidade, se decepciona com o que vê no campo:

Como ele pôde ver, todas as coisas que ele imaginou estarem lá... não estavam.

Não havia adultos sentados em cadeiras de balanço nas varandas.

E as crianças não estavam brincando em grupos.

E não só faltava uma banca de frutas e legumes, como tampouco havia algum café parecido com os de Berlim.

Em vez disso, o que havia eram multidões de pessoas sentadas juntas em grupos, olhando para o chão, com uma aparência terrivelmente triste; todos tinham uma coisa em comum: eram absurdamente magros, e os olhos eram fundos, e as cabeças, raspadas, o que Bruno imaginou indicar que lá também houvera uma epidemia de piolhos.<sup>25</sup>

No plano simbólico, podemos pensar, ao vestir um pijama listrado e adentrar o campo, Bruno, mais do que se parecer com Shmuel, se torna judeu, sujeito à toda opressão que sofrem os judeus. Está chovendo e Bruno manifesta intenção de voltar para casa. Mas não dá tempo, dez soldados se aproximam, cercam uma quantidade de judeus e os conduzem para dentro de uma câmara de gás, Bruno junto com eles, de mãos dadas com Shmuel.

Amigos para sempre!

A mãe e Gretel acabam voltando para Berlim. Meses mais tarde, quando um soldado encontra as roupas que Bruno tinha deixado junto à cerca, o pai por fim intui o que havia acontecido com seu filho. Talvez inconsolável e desencantado com a missão para a qual tinha sido designado – comandar um campo de extermínio –, acaba por cair em desgraça e, tal como seu antecessor, é levado não se sabe para onde. Provavelmente, executado. Como diz Gretel em outro momento:

---

<sup>25</sup>BOYNE, 2023, p. 180.



Haja-Vista por causa das pessoas que moraram aqui antes de nós, eu acho. Deve ter algo a ver com o fato de elas terem sumido porque não fizeram um serviço muito bom e alguém botou elas para fora e chamou alguém capaz de cumprir as tarefas direito.<sup>26</sup>

## Conclusão

A grande repercussão, tanto do livro quanto do filme, e o fato de ser indicado, na ficha catalográfica, como ficção para jovens, sugere sua utilização educativa. Isso é importante pois, como tantas vezes se disse, é necessário divulgar o mais amplamente possível o que aconteceu na *Shoah* para que não se repita. Consta que, de fato, na Inglaterra professores estão utilizando o livro como recurso didático. Cabe a nós, então, analisar sua adequação para esses fins.

É certo que realidade é realidade e ficção é ficção. *O menino do pijama listrado* é uma obra de ficção. Como indica o sub-título original, é uma fábula; pois, conforme o próprio autor, trata-se de um trabalho de ficção com moral transparente. Há quem o classifique como melodrama, por ser construído com o objetivo de conduzir a narrativa a um desfecho que impacte fortemente o leitor.

A ficção, mesmo em se tratando de um romance histórico, certamente não tem que respeitar religiosamente a realidade histórica. Não é um testemunho.

Quais seriam, então, os critérios para utilização de uma obra para fins educativos? Em meu entender, a obra tem que ser verossímil, dar a devida importância relativa aos diversos temas tratados e não afrontar a verdade histórica.

Aceitos esses critérios, *O menino do pijama listrado* apresenta alguns problemas.

Uma primeira questão diz respeito à ignorância de Bruno em relação ao que está acontecendo na Alemanha. Por exemplo, aprendeu na escola a fazer a saudação nazista mas não lhe atribui nenhum significado. Como reporta o narrador em um trecho:

os braços se projetaram para a frente, na mesma saudação que o pai havia ensinado a Bruno, a palma estendida, vinda do peito em direção ao ar em frente a eles, num movimento brusco, enquanto gritavam as duas palavras que Bruno fora ensinado a repetir, sempre que alguém as dissesse para ele.<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup>BOYNE, 2023, p. 29.

<sup>27</sup>BOYNE, 2023, p. 44.



Essas duas palavras, certamente são as utilizadas pelo pai, na página 53, quando chama Bruno para que ele não saia de seu escritório sem observar o ritual de repetir a saudação nazista: “‘Heil Hitler’, disse, o que Bruno presumia ser outra forma de dizer: ‘Bem, até logo, tenha uma boa tarde’”.

Ora, no início da narrativa Bruno está com nove anos e Gretel, sua irmã, com doze. Como Bruno nasceu em 1934, sabemos então que a ação do romance se passa em 1943, quando toda a Europa está em guerra, e a “solução final” está em plena execução.

Como regime totalitário, o nacional-socialismo se dedicava a permear a sociedade civil em todos seus aspectos, condicionando a população a abrir mão de sua capacidade de pensar em favor da versão oficial do Partido a respeito de qualquer assunto, acatando especialmente a orientação do líder máximo, Adolf Hitler, de quem emanava toda a “verdade”. O chamado “princípio do Führer”. Enfim, combinando terror e sedução, criar um clima permanentemente ideologizado.

A narrativa de *O menino do pijama listrado* ignora a existência da *Juventude Hitlerista*<sup>28</sup>, organização criada pelo partido nazista na década de 1920 que se dedicava à doutrinação dos jovens alemães quanto aos valores positivos do nazismo, à condição alemã de raça superior, à missão histórica da Alemanha, em salas de aulas e através de atividades extra-curriculares. Em janeiro de 1933, a juventude hitlerista contava com 50.000 membros, número que no final do mesmo ano já havia ultrapassado 2 milhões e em 1937 chegava à casa dos 5,4 milhões. Finalmente, em 1939 a associação se tornou compulsória para todas as crianças arianas a partir de 10 anos de idade.

Assim, Gretel já deveria fazer parte do movimento e Bruno deveria ter observado a existência de membros da Juventude Nazista na sua escola, apenas uma turma acima da dele.

Causa espanto, também, que Bruno ignore quem é o “Fúria”. Na Alemanha, em 1943, qualquer criança cuja família recebesse a visita de Hitler iria, no dia seguinte, orgulhosamente, anunciar na escola em voz muito alta: “o Führer esteve na minha casa para conversar com meu pai”. Bruno, no entanto, não sabe de sua existência. Insiste em perguntar quem é esse tal de Fúria, levando sua irmã a exclamar: “Ele manda no país, idiota’, disse Gretel, exibindo-se, conforme a tendência das irmãs. [...] ‘Você não lê os jornais?’”.<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/indoctrinating-youth>. Acesso em: 19 out. 2023.

<sup>29</sup> BOYNE, 2023, p. 105.



Não bastasse isso, em Berlim Bruno tinha três grandes amigos na escola, Karl, Daniel e Martin, com os quais passava muito tempo junto. Será que nenhum deles escutava em casa conversas sobre as propostas e ações nazistas? Podemos admitir que a grande maioria do povo alemão não estava informada?

Além de ignorar a própria existência da Juventude Hitlerista, Bruno não sabe que vão se mudar, não sabe para onde; não sabe que o pai é alto funcionários das temíveis SS; não sabe da existência das SS, de campos de concentração, não sabe sequer da existência de judeus. Isto levanta a questão: o quê os alemães sabiam a respeito do extermínio de judeus? Tomados, Bruno, seus amigos e sua irmã como metonímia do povo alemão, é espantoso o grau de ignorância em relação ao que está acontecendo, sugerido pela narrativa. Ora, o nazismo chegou ao poder em 1933 e a exclusão dos judeus já começou em 1935, com as famosas Leis de Nuremberg que, entre outras coisas, cassaram sua cidadania, e avançou com a Noite dos Cristais, em novembro de 1938<sup>30</sup>, onda de violência popular patrocinada pelo governo que ocorreu em toda a Alemanha, Áustria e região dos Sudetos, quando 267 sinagogas foram destruídas, 7.500 estabelecimentos comerciais tiveram suas vitrines quebradas e saqueadas, foi cometido um elevado número de estupros, e custou a vida de pelo menos 91 judeus; na sequência, ocorreu um elevado número de suicídios.

A partir de 1942, quando os judeus começaram a ser confinados em guetos e transferidos para campos, suas residências foram sendo apropriadas por arianos; muitos empresários judeus foram forçados a vender suas empresas por valores vis. Enfim, muitos pacatos cidadãos alemães se beneficiaram da supressão dos judeus e não hesitaram em denunciar sua presença. Esta componente econômica, que cobiçava a posse dos patrimônios judaicos, ocorreu também nos países ocupados.

Outra questão levantada pela narrativa diz respeito à cerca que confinava os prisioneiros; na verdade, essas cercas costumavam ser duplas e eletrificadas. Muitos prisioneiros optaram pelo suicídio, jogando-se contra a cerca. É muito pouco provável que Bruno e Shmuel pudessem conversar com a cerca entre eles, e ainda passar alimentos e, depois, o próprio Bruno, por baixo dela.

Pior do que isso, Shmuel no início da narrativa está com nove anos. De fato, já na chegada aos campos crianças com 14 anos ou mais eram encaminhadas para trabalhos forçados e as menores eram executadas imediatamente. Ruth Klüger reporta sua experiência de ter sido poupada da “seleção” por ter mentido sobre sua idade:

---

<sup>30</sup> <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/kristallnacht>. Acesso em: 19 out. 2023.



Ao lado do encarregado da SS, que estava sentado, à vontade e bem-humorado [...] estava a escritã, uma prisioneira. [...] Ela me viu esperando na fila quando eu já estava praticamente na frente. Deixou então seu posto, aproximou-se rapidamente de mim e perguntou a meia-voz, quase permitindo que o guarda da SS ouvisse, com um sorriso inesquecível que deixava à mostra seus dentes irregulares: “Quantos anos você tem?”  
“Treze.”  
E ela, olhando-me fixamente nos olhos, de modo insistente: “Diga que você tem quinze”.<sup>31</sup>

Mesmo que algumas crianças fossem poupadas para experimentos supostamente científicos, é inverossímil que Shmuel pudesse todas as tardes estar livre para se encontrar com Bruno.

Outro aspecto discutível que merece atenção é a construção da personagem “pai de Bruno”. À página 12 o narrador diz que “o Fúria tinha grandes planos para ele”. Ora, se está recém sendo promovido a comandante de um campo de concentração e ainda é objeto de grandes planos, não deve fazer parte da alta hierarquia do Partido nazista. Dessa forma, é difícil imaginar que Hitler em pessoa fosse jantar com um funcionário ainda com carreira em ascensão, para promovê-lo.

Por outro lado, o pai deve ser um membro das SS, fanático pela verdade nazista, mas, ao mesmo tempo, é descrito como pai e marido altamente empático e defendido com gratidão pela criada, a quem prestou grande ajuda no passado. Ao ouvir Bruno criticando o pai, Maria o defende com veemência:

E, depois que sua avó se aposentou, é claro que as duas continuaram amigas e minha mãe até recebia uma pensão dela, mas era uma época difícil e o seu pai me ofereceu um emprego, o primeiro que eu tive. Alguns meses mais tarde minha mãe ficou muito doente e precisou de muitos cuidados hospitalares, e o seu pai cuidou de tudo, mesmo não sendo obrigação dele. Ele pagou tudo do próprio bolso, porque ela fora amiga da mãe dele. E me acolheu no seu lar pelo mesmo motivo. E, quando ela morreu, ele também pagou por todas as despesas do funeral. Então, não chame seu pai de idiota, Bruno. Não perto de mim. Isso eu não permitirei.<sup>32</sup>

<sup>31</sup> KLÜGER, 2005, p. 120-121.

<sup>32</sup> BOYNE, 2023, p. 52.



Entretanto, logo a seguir Maria enfrenta um desmoronamento interno, pois ela conhece bem a natureza da atividade do pai de Bruno. Diz ela:

“Ele tem muita bondade na alma, tem mesmo, o que me faz imaginar”... A voz dela sumiu enquanto os observava, e depois emitiu um soluço repentino, como se fosse chorar. Neste momento, Bruno a interrompe e pergunta: “Imaginar o quê?” Ao que Maria responde: “Imaginar o que ele... como ele pode...”. “Como ele *pode o quê?*”, insistiu Bruno”, sem resposta.<sup>33</sup>

Essa ambivalência, essa possibilidade de ser um carrasco e também um bom chefe de família e patrão, remete ao conceito de banalidade do mal, formulado por Hannah Arendt para descrever Adolf Eichman. Sua submissão, sua propensão burocrática, sua desistência em pensar de forma autônoma, sua apatia ética fica evidenciada em sua fala para Bruno: “Acha que eu teria sido tão bem-sucedido na vida se não tivesse aprendido quando é hora de discutir e quando é hora de ficar com a boca fechada e seguir ordens?”<sup>34</sup>. No entanto, pouco mais adiante, interrogado por Bruno a respeito das pessoas que este via atrás da cerca metálica, o pai nega a própria humanidade delas: “‘Ah, aquelas pessoas’, disse o pai, acenando com a cabeça e sorrindo levemente. ‘Aquelas pessoas... Bem, na verdade elas não são pessoas, Bruno.’”<sup>35</sup>

A utilização do Holocausto como tema literário é uma questão controversa que ainda provoca muita polêmica. Há quem defenda que somente sobreviventes têm legitimidade para falar da catástrofe que se abateu sobre o povo judeu; há quem diga que não é eticamente apropriado produzir obras de ficção com esse tema. John Boyne não é judeu, por isso, segundo ele mesmo, decidiu apresentar a narrativa pelo olhar de Bruno, não pelo de Shmuel. Mas mesmo assim, da leitura da obra decorre a impressão de que as principais vítimas do nazismo foram arianos. Não há compaixão para com Shmuel e todos os judeus que foram gaseados juntamente com Bruno. Mesmo que tenham ocorrido situações como a de Bruno, o número de Shmuels é infinitamente superior. Enfim, a personagem Shmuel é construída de forma a não criar conexão com o leitor, concentrando toda a empatia em Bruno.

Sem dúvida, é inegável a habilidade de John Boyne em criar uma narrativa de altíssimo impacto emocional; no entanto, como denúncia de um dos piores

---

<sup>33</sup> BOYNE, 2023, p. 60.

<sup>34</sup> BOYNE, 2023, p. 49.

<sup>35</sup> BOYNE, 2023, p. 52.



momentos já enfrentados não só mas principalmente pelos judeus, mostra-se superficial.

### **Referências**

BOYNE, John. *O menino do pijama listrado*. Tradução de Augusto Pacheco Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

DAWIDOWICZ, Lucy S. *The War against the Jews: 1933-45*. London: Penguin Books, 1990.

KLÜGER, Ruth. *Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*. Tradução de Irene Aron. São Paulo: Editora 34, 2005.

-----

Recebido em: 30/9/2023.

Aprovado em: 12/10/2023.